

VELHO DOCUMENTÁRIO DE GUERRA

DANUSIA APPARECIDA SILVA (UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE).

Resumo

Movido pela criatividade Francisco Marins, escritor dos mais conhecidos na área da literatura infanto-juvenil, funde história e ficção numa aventura plena de misticismo, religiosidade, luta e muito medo ante as inusitadas situações. Em "A Aldeia Sagrada", o escritor recorre ao mito a fim de reavivar na memória dos jovens a valorização dos heróis nacionais. A narrativa transcorre em ritmo de ficção, bem ao gosto dos jovens leitores. "A Aldeia Sagrada" vem corroborar o papel importante da literatura, ou seja, funcionar como agente de participação social que transforma o homem e a sociedade. A pluralidade de assuntos tratados na obra vale por um compêndio de história do Brasil: a seca no sertão nordestino, o nomadismo do retirante, a ameaça dos jagunços, a obrigatoriedade de furtar para matar a fome e o enfrentamento da morte algumas vezes. A um menino de doze anos é passada uma tarefa hercúlea: sobreviver no sertão inóspito e vivenciar o duelo histórico entre a monarquia e a república travado no interior da Bahia. A partir do episódio "A Guerra dos Canudos", Didico, o menino, natural da região e do lado dos vencidos, dá uma versão dos fatos que se distanciam da historiografia oficial. Aldeia Sagrada foi o nome dado ao povoado de Canudos em respeito ao carisma de Antonio Conselheiro. O livro A Aldeia Sagrada resgata passagens desconsideradas pela disciplina História do Brasil, propondo reflexões ao jovem leitor.

Palavras-chave:

Literatura, História, Os sertões.

*"A história é testemunha do passado, da luz da verdade, vida da memória, mestre da vida".
Cícero*

Por que este livro?

Às vésperas de 21 de abril de 2009, um repórter de uma emissora de TV, dirigiu-se a alguns universitários, no espaço da Biblioteca e perguntou-lhes por que seria feriado no dia seguinte e em homenagem a quem. Os jovens ali presentes literalmente não souberam responder. O que pode parecer uma banalidade vem corroborar a observação: a História pátria vem sendo relegada ao ostracismo. Essa passagem reporta a tantas outras que quando trazidas à tona por estudiosos torna tangível a importância das sagas de grupos ou indivíduos que aos mais novos prestam contas do passado.

Na linha do resgate, a partir da ótica de uma personagem fictícia, o escritor Francisco Marins, amplamente conhecido na área da literatura infanto-juvenil, repassa em sua obra 'A aldeia sagrada' um dos episódios mais trágicos da História do Brasil conhecido como Guerra de Canudos. Em trinta e dois breves capítulos, Didico, o protagonista, um menino de doze anos, morador nas adjacências do local do conflito, integrante da ala dos vencidos, vai contando os fatos de modo distante da historiografia oficial.

O cenário é marcado por uma vegetação característica do nordeste: caatinga, gameleira, sucupiras, carrascais, cuja secura denuncia a escassez das chuvas. Calor insuportável. Aves de arribação cortando os céus. Pela estrada retirantes esfomeados. Numa noite abafada o menino Didico escuta a conversa de seu padrinho Chico Vira Mundo com o amigo Beatinho:

- Pois é o que eu digo, Chico, eu já me decidi, vou seguir o 'Santo'. Ele tem feito milagres. (...) Certas coisas, só vendo!

- Não, Chico. Meu destino é outro. 'Ouvi' o chamado do Conselheiro e vou seguir com ele, mundo afora. Não quero nenhuma riqueza. O conselheiro é pobre. Vive de esmola. Esmola que dá apenas para um dia. Dorme em cima de uma tábua nua. É um verdadeiro 'santo' (MARINS, 1993, p. 10 – 12).

Dias depois, o padrinho cujo gosto era correr mundo deixou Donana, a mulher, sob os cuidados do menino entregou-lhe uma carta endereçada ao pai de Didico. A dita carta quando chegou lá no vilarejo o pai já havia falecido; abraçou-o e desapareceu em meio aos espinheiros...

As perdas foram se sucedendo: a plantação, o bozinho Pomboca, a madrinha Donana. Chegou, então, a vez de Didico partir. Juntou-se a um grupo de caminhantes e dia após dia enfrentando cangaceiros e até invadindo roças para colher o que comer rumavam para onde todos convergiam: Monte Santo, um pequeno Oasis, com um pouco de verde.

Estavam, pois, pertinho de Canudos onde Antonio Conselheiro "um Messias de feira – detinha nas mãos trementes e frágeis os destinos de um povo... (CUNHA, s.d., p. 318). O nome Canudos surgira porque os moradores dali fumavam em cachimbos de barro, com canudos muito compridos. De lugares distantes muita gente veio morar em Canudos, muitos venderam suas propriedades, seu gado, suas colheitas, para entregar o dinheiro ao Conselheiro.

Nesse tempo o governo com a intenção de dispersar os seguidores do 'Santo' enviou soldados que se instalaram no lugarejo. Diversas vezes foram vencidos mas conseguiram após violento massacre derrotar os fanáticos de Canudos. Munidos de canhões adonaram-se os soldados da área do rio Vaza-Barris, única fonte de água do povoado de Canudos. Cometeram barbaridades contra o povo da Aldeia Sagrada, nome criado por Euclides da Cunha.

Depois da luta, Didico consegue levar a carta ao Instituto e tomou conhecimento de que seu pai participara do transporte da dita pedra, do Bendegó e por isso ganhara um prêmio, uma importância que fora depositada no banco havia dez anos à espera de que fosse retirada. O dinheiro, embora pouco, muito alegrara ao menino.

Em seus relatos Didico ressalta a bravura de um companheiro menino como ele, único combatente a sair vivo de Canudos e por isso torna-se verdadeiro herói. Um herói que, naqueles dias, não podia ser festejado, pois todas as homenagens eram voltadas para os vencedores. Correndo paralelamente ao relato de Euclides da Cunha: Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (CUNHA, s.d., p. 611-2).

Também faz referência a um jovem jornalista, Euclides da Cunha, que acompanhara a quarta expedição militar e fizera muitos registros para escrever futuramente um livro. Mais de uma vez faz menção aos desafios cantados pelos repentistas que ao som da viola cantam versos e frases com o objetivo de alegrar o povo.

Esta obra de Francisco Marins enquadra-se tanto na categoria de leitura de divertimento como na de leitura didática. Segundo Bourdieu (1979) in Mauger, (1999), a leitura de divertimento induz o deslocamento do mundo vivido pelo leitor ao mundo do texto. Além de estimular a vontade, oferece o que agrada ao leitor, cativando-lhe o espírito pela ilusão dos suspenses. A participação imaginária, a invasão no texto, na vida das personagens, proporciona o esquecimento temporário dos problemas, da miséria da vida real. Não impede, porém, de identificar as conjunturas biográficas ou históricas. Além de exercer uma função educativa.

Assim a leitura literária da narrativa de Marins transmite o conhecimento de passagens da história do Brasil sem redução de valor. A acumulação de capital literário é conversível em capital cognitivo que vai aguçando a curiosidade do leitor, servindo de baliza para a assimilação dos fatos, dos personagens que integram o painel do sertão nordestino: terra, homem e luta. De forma sucinta e leve o escritor Francisco Marins foca os três pontos: descrição da geologia, do clima da região, do homem: sertanejo, retirante, jagunço e sua luta primeiro com o meio hostil e depois com o inimigo vindo do litoral.

A *Aldeia Sagrada*, de Francisco Marins, à sombra de 'Os Sertões', de Euclides da Cunha não deixou de contemplar todos os aspectos, sublinhando a figura do chefe místico de Canudos e suas profecias. "A mais curiosa era a de que o sertão ia virar mar e o mar virar sertão. Passado pouco mais de 100 anos dos episódios de Canudos, o sertão virou mar: o arraial de Canudos, à beira do rio Vasa-Barris encontra-se, hoje submerso nas águas do açude do Cocorobó. O que era em fins do século XIX quase um deserto, é hoje um mar" (NICOLA, 1985, p. 153).

Outro destaque na obra de Marins é a valorização do relator-menino, do seu ponto de vista pondo-o à altura do alemão Hans Staden (1520-1576) que teve a oportunidade de ver de perto uma cerimônia que era central na cultura tupi-guarani: comer a carne de um guerreiro, num ritual que reunia várias aldeias. O leitor ouve a história diretamente da boca de Didico que presenciou o antes, o fato e o depois do conflito. Embora na condição de vencido o narrador não ocultou a realidade.

Merece observação o enorme bloco de pedra que caíra em Bendengó. A história real registra que em 1784, próximo à cidade de Monte Santo, no sertão da Bahia, o menino Bernadino Motta Botelho, encontrou um meteorito, quando tomava conta de algumas cabeças de gado. No ano seguinte, 1785, o governador geral da Bahia, pensando ser aquele bloco de ouro e prata providenciou a mudança, mas apesar do esforço físico de muitos homens a pedra despençou da carreta que a levava, puxada por doze juntas de boi, caindo às margens do riacho Bendengó a 180 metros do lugar original. Ali a rocha permaneceu por mais de 102 anos esperando nova remoção. Diversas foram as tentativas infrutíferas.

Somente em 1887 uma excursão chefiada por José Carlos de Carvalho, tenente da Marinha, foi ao local e trouxe-a para o Rio de Janeiro, a pedido de D. Pedro II e de alguns membros da Academia de Ciências de Paris. Quando chegou ao Rio de Janeiro foi tirado da rocha um pedaço equivalente a 60 kg o qual foi repartido e enviado para quatorze museus, entre os quais Paris, Londres, Nova York, Amsterdã. Bendengó, o maior meteorito brasileiro, pesando 5360 kg constituído de ferro e níquel está exposto no Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista desde 1888.

Enquadrada no gênero, tragédia e epopeia a obra *A Aldeia Sagrada* conta com dois heróis: o Conselheiro, tido como Santo por aquele povo do sertão, e o menino Didico que a tudo assistiu, sobreviveu e relatou.

"Manhoso, malvado era ele / Com capa de santo enganava / Ao bom povo d'aquela sertão / Com doçura a eles falava".

O malvado em questão é Antônio Conselheiro e os versos são de um contemporâneo seu, o poeta sergipano Manuel Pedro das Dores Bombinho, cuja obra, um poema de 5984 versos, escrito em 1897, ano dos mais agudos combates – é publicado pela primeira vez em 2002, coincidente ao centenário de *Os Sertões* (Euclides da Cunha) (TOLEDO, 2002, p. 158).

À moda dos épicos, alinhavado num só poema a longa e dramática história que denuncia as barbaridades contra os canudenses, incorpora as versões de que o Conselheiro era financiado pelos monarquistas, empenhados na revanche contra a nascente República.

"Dinheiro recebo de longe / nada falta para nossa missão". A pena do vate sergipano endereçou ao Conselheiro epítetos que vão de "embusteiro santarrão" a "brejeiro infame Vilão".

Para Euclides da Cunha, o monge sertanejo, oriundo do estrato mais raso, foi o “elemento ativo e passivo da indisciplina da vida sertaneja. A multidão aclamava-o representante natural das suas aspirações mais altas (CUNHA, s.d., p. 132). Era o profeta, o emissário das alturas incumbido de uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação.

Antonio Vicente Mendes Maciel começou então a pregar aos sertanejos, ainda desconfiados que o tomavam como um pedinte ou um débil mental. Mas ele tinha sempre uma palavra boa e amiga para dizer aos caminhantes. Os primeiros discípulos o seguiam, espontaneamente, querendo passar junto dele as mesmas privações. Suas peregrinações eram marcadas por reconstrução de cemitérios, igrejas.

Muitas vezes a polícia perseguiu-o, pois sua conduta, ameaçava a ordem pública, preocupava as autoridades: pregava o não pagamento de impostos, queimava editais e instigava a população a rebelar-se contra o governo, que pouco ou nada fazia por ela.

No povoado de Canudos o formigueiro humano vivia parasitariamente da solicitude do ditador humilde. Os jagunços mais ousados dobravam a frente para a terra, percorriam todas as contas do rosário, cumpriam o ‘beija’ das imagens e saudavam o Santo protetor entoando:

Do céu veio uma luz / Que Jesus Cristo mandou / Santo Antônio Aparecido / Dos castigos nos livrou! / Quem ouvir e não aprender / Quem souber e não ensinar / No dia do Juízo / A sua alma penará. (ROMERO *in* CUNHA, s.d.).

Representante natural do meio em que nasceu cristalizou superstições comuns. Remanescente de lutas entre as famílias Maciel e Araujo sedentas de vingança, criou-se sob a disciplina de um pai rígido, isolado, sem o entusiasmo natural de todo adolescente.

Antonio Conselheiro fanatizou as povoações que visitou, que o tinham por Santo Antônio Aparecido. Mas o homem santo ao ver tombarem as igrejas, arrombado o santuário, santos estilhaçados, o Bom Jesus despedaçado por uma granada, dobrou-se ferido de emoções violentas (CUNHA, s.d.). Foi encontrado com a frente colada ao chão, dentro do templo em ruínas abraçado a um crucifixo por Antonio Beatinho, o mesmo Beatinho introduzido na história, contada por Francisco Marins, aquele de quem Didico ouvira dizer: - Acabei com tudo para seguir o Conselheiro. De que vale a riqueza?

Segundo as pesquisas Antônio Conselheiro faleceu no dia 22 de setembro de 1897. Para Euclides da Cunha, ele era um “Messias de feira” e alguém que escapara do hospício para entrar na história. Pompeu de Toledo ressalta que “a boa reputação de Antônio Conselheiro, hoje visto quase unanimemente sob luz favorável, é fenômeno recente (TOLEDO, 2002).

O herói menino, Didico, em sua narrativa vai mesclando invenção e informações sobre um momento marcante da instauração da República no Brasil convive com a grande seca do Nordeste e depois com os confrontos entre o exército, e o povoado de Canudos liderado por Antônio Conselheiro. Não lhe escapam aspectos da geografia, nem do povo jagunço, massa humana, que formigava naquela *urbi* monstruosa.

A presença do menino na condição de protagonista, introduzida na literatura por Monteiro Lobato e Tales de Andrade, é freqüente na obra de Francisco Marins.

Em *Aldeia Sagrada*, atribui a Didico características menos modelares, mas em contrapartida voltado ao seu mundo interior. Também na história real de *Os Sertões*, uma criança transita franzina e cambaleante nos seus nove anos, surpreendendo a todos pela sua ardileza precoce, fumando como um velho viciado, desenrolando informações, quase todas falsas, além de mostrar conhecimento no manuseio das diferentes armas portadas pelos soldados. Aquela criança: “Repontava, bandido feito, à tona da luta, tendo sobre os ombros

pequeninos um legado formidável de erros. Nove anos de vida em que se adensavam três séculos de barbaria” (CUNHA, s.d., p. 464).

A história mesmo pela via da ficção constitui patrimônio de valor inestimável, integra um balanço contábil simbólico e pode ser considerada um ativo ou um passivo, conforme o peso negativo ou positivo atribuído aos fatos. Nessa linha de raciocínio *A Aldeia Sagrada* torna tangível a importância da saga de um grupo: os jagunços e aquela população miserável e crente de um Nordeste hostil, as biografias, as narrativas sociais. Serve não apenas ao entretenimento, mas ao conhecimento da trajetória histórica do Brasil que além de compreendida, precisa ser preservada, sobretudo, pelos que passam pelos bancos escolares.

Referências bibliográficas

CUNHA, Euclides de. Os sertões. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro, s.d.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN. Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. São Paulo: Global, 1988.

MAUGER, Gerard et al Histoires de lecteurs. Paris: Nathan, 1999.

MARINS, Francisco. A aldeia sagrada. São Paulo: Ática, 1993.

NICOLA, José de. Literatura brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1985.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Canudos em versos, a te a degola – ensaio. Revista Veja, 11 dez. 2002.